

Identidade, cultura e memória roraimense no reconto de lendas indígenas do jornal Boa Vista, na década de 1980.

Elizangela Pedroso da Silva Alves¹

Introdução

Os seres humanos buscam compreender a si mesmos, os outros e sua relação com o mundo, analisando passado, presente e futuro. A memória desempenha um papel crucial na construção da identidade, utilizando uma linguagem para conectar lembranças do passado, sonhos e realidade presente.

Este trabalho explora memória, cultura e identidade, focando na identidade indígena de Anísio, construída através do reconto da lenda do Curupira no Jornal Boa Vista. Ele destaca como a escrita perpetua essas memórias, ressaltando a importância da narrativa e da linguagem na preservação da identidade cultural e histórica.

Breve Histórico Do Indígena No Contexto Roraimense

Desde sua origem, Roraima tem uma rica diversidade cultural devido à política de ocupação do estado. Inicialmente habitado apenas por indígenas, o encontro com os não-indígenas foi, em grande parte, pacífico, de acordo com Magalhães (1987). No entanto, na década de 1980, surgiram desentendimentos entre indígenas "aculturados" e ruralistas, atribuídos à filosofia de "civilizar" os indígenas promovidos por figuras como Nóbrega, Anchieta, Vieira e Rondon.

A partir das décadas de 1970 e 1980, os indígenas começaram a obter resultados em suas lutas pela preservação de seus territórios ancestrais, após décadas de tratamento que os consideravam um obstáculo ao progresso nacional e buscavam "domesticá-los pacificamente" (Filho e Santos, 2008).

. Segundo Valdemir Filef dos Santos (2013)

Em Roraima, desde o período colonial até o republicano, o domínio sobre as populações indígenas tem causado vários conflitos interétnicos, e principalmente entre os séculos XIX e XX, pois uma nova situação de poder advinda de militares, fazendeiros, e religiosos, além de garimpeiros, subjugaram os indígenas. Já no século XXI a disputa pelo poder estatal, principalmente na relação com os povos indígenas tem sido disputada por diversos grupos representados por: governador; ex-governadores; deputados e senadores.

¹ Mestre em Letras pela UFRR. Especialista em Docência no Ensino Superior pela Facinter. Docente do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima – UFRR.

Com o intensificar desse processo migratório e os desentendimentos houve um conflito “entre as diferentes culturas conviventes em Roraima, o que implicou em transformações nas identidades pessoais e provocou deslocamento ou descentramento do sujeito” (Nascimento 2014, p. 17). Segundo Woodward (2000, p.22):

Essa dispersão das pessoas (...) produz identidades que são moldadas e localizadas em diferentes lugares e por diferentes lugares. Essas novas identidades podem ser desestabilizadas, mas também desestabilizadoras. (...) identidades que não têm uma “pátria” e que não podem ser simplesmente atribuídas a uma única fonte.

É sabido com base em Cuche (2002), que a desestabilização das identidades devido a convivência de culturas diversas em mesmo local pode trazer modificações profundas em ambas as culturas por conta das “estratégias de identidade”. O processo de formação do estado de Roraima propiciou essa convivência de culturas diferentes e o resultado foi essa “desestabilização de culturas” descrita por Cuche (2002), que já podia ser notada na década de 1980, época em que foi escrito o texto cuja análise fundamenta este trabalho.

Memória, História, Cultura e Identidade

As histórias contadas por um indivíduo têm papel importante enquanto estratégia para afirmação das tradições e culturas de um povo. Dessa forma, a memória pode perpetuar a cultura e a identidade na busca de transmiti-las para futuras gerações. Diversos povos, em determinado momento histórico contaram suas histórias. Porém, os povos indígenas no Brasil só passaram a ter esse espaço muito tempo depois dos povos não indígenas, já que os europeus como colonizadores, tinham a vantagem da escrita e da força de dominação para perpetuar seus pontos de vista, inclusive a respeito do povo dominado, sendo, dessa forma, os “detentores” da história oficial.

Por isso, um representante da “história indígena”, que se apropriou da língua e da escrita, dos códigos sociais, dos processos econômicos, assumiu o papel de protagonista na divulgação das produções e tradição desse povo num veículo de comunicação, algo notável para a década de 1980 em Roraima. Não que isso seja resultado das dissoluções de conflitos identitários provenientes de interesses políticos da elite dominante não-indígena, cujo interesse, foi e continua sendo, a sobreposição das culturas dos grupos minoritários. Os conflitos existiam, e se externavam através da linguagem, e evidenciavam a desvantagem destes grupos em relação a grupos majoritários.

Carrizo (2001), utiliza o termo “olhar etnográfico” para tratar da percepção do colonizador diante da diversidade cultural do Brasil. Para a autora, é a partir desse olhar que se baseia a assimilação ou a inferiorização do diferente. Para Carrizo (2001, p. 27), “A imbricação no “outro” da tríade raça/costumes/paisagem possibilita que este olhar outorgue direito de primazia a certas particularidades culturais, apagando do centro da atenção as razões políticas que geram essa própria forma de ver”.

Então, a partir desse olhar surgem sentimentos e atitudes negativas relativas aos sujeitos e aos aspectos culturais, linguísticos e identitários, encontrando na produção escrita indígena alicerce e dando lugar à memória e aos contextos sociais para a constituição da identidade e da cultura indígena.

Para tratar de cultura, geralmente se utiliza uma concepção genérica que abrange a constituição histórica do ser humano. Quando se trata de reflexões relativas à humanidade, é comum ter como centro das discussões a cultura. Segundo Eagleton (2005, p.41), “A palavra ‘cultura’ que se supõe designar um tipo de sociedade, é de fato uma forma normativa de imaginar essa sociedade”.

As lembranças de uma pessoa e do grupo ao qual ela pertence é fator primordial na constituição de sua identidade. A partir da memória se estabelece e significa o presente para então se projetar o futuro. Logo, a construção da memória e a construção da identidade estão imediatamente relacionadas. Então a identidade passa a nortear os indivíduos a cada novo horizonte no universo da memória. Para Menezes (1984, p. 33), a memória, como suporte fundamental da identidade, “é mecanismo de retenção de informação, conhecimento, experiência individual ou social, constituindo-se em um eixo de atribuições que articula, categoriza os aspectos multiformes de realidade, dando-lhes lógica e inteligibilidade”. Assim, através das percepções, lembranças e registros que fazemos de acontecimentos ocorridos no passado nossa identidade é construída.

Halbwachs (apud Bosi, 1994), propõe os processos de interação enquanto propiciadores da construção de lembranças e pondera que a memória pode ser entendida como fenômeno social, isto porque mesmo existindo individualidade na subjetividade, não é possível trazer assuntos concernentes à memória separados das questões sociais. Ecléa Bosi (1994), embasada em Halbwachs (1994), nos esclarece que “A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, (...) com os grupos de convívio” (1994, p. 54). O contato com o outro favorece as relações interpessoais, ou seja, vive-se num mundo constituído por diversos mecanismos que não estão condicionados à vontade pessoal, no qual a memória é o artifício que institui o sujeito. Dessa forma, para pensar na constituição de

identidades é preciso pensar na construção de memórias, e ambas se dão através das experiências vivenciadas pelos sujeitos e entre os sujeitos por meio da cultura.

Um olhar sobre a Identidade e a Memória Roraimense na década de 1980

O texto em questão foi extraído de uma coluna de jornal da década de 1980. A coluna se chamava *O Macuxi*, e segundo o próprio autor, que assina como Anísio², era um espaço para divulgação e defesa da cultura indígena macuxi. Nessa coluna, o autor narra histórias e lendas, bem como costumes dos povos indígenas. O jornal se chamava *Jornal Boa Vista*. O jornal anteriormente se chamava *Boa Vista*, mas, “em 1973 o governador da época Coronel Hélio Campos resolveu fazer renascer” com esse novo nome (Soares 1998, p. 20).

Ao contar histórias o homem consolida as tradições e culturas humanas e, também, pode preservá-las para passar adiante às futuras gerações. Através das histórias e lendas, podem-se reconhecer costumes e práticas de um povo. Anísio, para narrar as memórias, utiliza a história do Curupira, lenda indígena que faz parte do folclore brasileiro, que ele diz ser contada por seus ancestrais, *sua gente* o que demonstra que a tradição indígena trazida para seu texto não é fruto de experiências vivenciadas pessoalmente, mas, experimentadas através do convívio com o grupo. Com base em Matos (2010, p. 450), sabe-se que “as lendas são longas narrativas sérias, que tratam, frequentemente, da origem e explicação das coisas que povoam a terra, a água e o céu, das nações indígenas e seus costumes”, e que dentre as entidades fantásticas que transitam na cultura de diversos povos indígenas brasileiros, destaca-se o Curupira.

A respeito de memória, Michel Pollak trata de “acontecimentos vividos por tabela” que:

São acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade a qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não (Pollak, 1992, p. 201).

Essas lembranças coletivas nos propiciam a compreensão de que memórias individuais e coletivas são construídas mutuamente e são indissociáveis, reforçando a identificação do sujeito a certo grupo. Matos (2010, p. 449), nos aponta que “as culturas indígenas do Brasil (...) se manifestam de forma ampla em repertórios narrativos armazenados na memória e transmitidos de geração a geração”. Segundo a autora, essas narrativas, oriundas da tradição oral, transmitem o saber comunitário sendo “repositório” e transmissor das tradições culturais (Matos, 2010). O nome da coluna que Anísio assina é *O macuxi*, sugere que o autor pertença, ou julgue pertencer, a determinado grupo étnico, nesse caso aos Macuxi. Entretanto, no

² Não foram encontrados registros a respeito do autor, portanto não se pode afirmar se este vem a ser o nome ou algum codinome que autor utiliza para identificar-se nesta coluna de jornal, especificamente.

decorrer do texto o autor oscila, ora falando em 1ª pessoa e tratando da cultura como *nossa*, ora em 3ª pessoa falando dos costumes dos nossos índios, como se falasse de fora da cultura, como se fossem pessoas distintas.

No que diz respeito à cultura, a memória individual e a coletiva estão em estrita relação, pois trazem o sentimento de pertença a determinado grupo que compartilha de memórias comuns. Então a ancestralidade, as tradições são acionadas para ponderar a relação que se estabelece com o outro, o indígena, na tentativa de assinalar uma identidade étnica.

O texto inicia trazendo o cenário onde ocorre a história narrada, *nossas matas e lavrados Macuxis* o que nos traz pelo menos duas questões para discussão. A primeira é um sentimento de topofilia. Para Tuan (1980, p. 05), esse sentimento é “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vivido e concreto como experiência pessoal” (Tuan, 1980, p.05). Esse sentimento permeia a fala do autor ao se referir à vegetação de Roraima. E a segunda é a possibilidade de dúvida, quanto ao fato de o autor estar falando das terras específicas onde o povo Macuxi mora, ou nas terras roraimense em geral, já que Macuxi, com o passar dos tempos passou a denominar qualquer pessoa que nascesse em solo roraimense. E para dar prosseguimento a história, o autor, denomina os participantes da história como *nossos índios e caboclos roraimenses*.

Nossas matas macuxis e lavrados durante a noite são invadidos pelo silêncio, ora interrompido pelo canto das guaribas, ou pelas aves e insetos chegando a temperatura a fazer um “frioquinho”. E é nessa noite que ele costuma assustar nossos índios e caboclos roraimenses;

Segundo Feitosa (2014, p.28), “É comum no âmbito local a utilização do termo “lavrado” para se referir às características naturais do Estado. A palavra está presente no cotidiano de muitos discursos dos povos que habitam Roraima”. O autor além de utilizar o termo “lavrados”, o que denota seu pertencimento “aos povos que habitam Roraima” ainda utiliza o pronome possessivo “nossas” que dá a ideia de posse das matas em questão. Além disso, ainda referindo-se a matas e lavrados ele utiliza a palavra “Macuxis” como um adjetivo, reforçando a ideia de que as matas e os lavrados pertencem a eles, os Macuxis. Assim, revela um sentimento de apego ao espaço em que vive, e uma “necessidade de raízes e segurança” que Relph (1979, p. 03,) vai denominar de topofilia.

Na sequência da narrativa, transparece a voz do narrador observador, que enxerga de fora, o que ocorre com *os índios e caboclos roraimenses*. Essa alternância entre se incluir e se excluir como partícipe de uma cultura vai transcorrer todo o texto provocando uma incerteza

quanto ao pertencimento ou não do autor ao povo indígena. Essa alternância é facilmente verificável nos fragmentos a seguir:

É como dizem os índios e caboclos você ficou incendiado, isto é atraído por uma força maior.

A solução que o Macuxi recomenda a seus leitores vem de meus antepassados e acreditem dá certo. Quem já passou por uma situação dessas sabe que funciona mesmo.

O narrador, ao recontar uma lenda, nesse momento se comporta como se estivesse narrando uma história de outrem. Isso é percebido quando ele utiliza os termos “os índios e caboclos” que facilmente pode ser substituído pelo pronome “eles” como se falasse de fora, não se incluindo entre os índios e caboclos, mas, conhecedor dessa cultura. Porém, em seguida, o autor, ao recomendar a solução aos leitores da página, fala que esta vem de seus antepassados e afirma que dá certo.

Baseado em Matos (2010), sabe-se que este recomendar o que os “antepassados” ensinavam é próprio dos hábitos indígenas (Matos 2010), e nesse caso ele se identifica como indígena ao se utilizar da prática de ouvir seus “antepassados”. É possível perceber a manutenção dessa tradição nos fragmentos a seguir:

E assim a fama do curupira vem de geração em geração, e os curumins de Roraima e os piquixitos das malocas e os índios, todos já ouviram falar no Curupira.

Quando o narrador afirma que “os curumins de Roraima e os piquixitos das malocas todos já ouviram falar no Curupira” reforça a ideia de que é costume dos povos indígenas passar para as gerações futuras suas crenças através de lendas e mitos. Além disso, ao utilizar uma palavra indígena muito frequente no vocabulário roraimense, fica implícito que o autor faz referência aos autóctones do Estado.

O narrador prossegue falando dos hábitos, porém, ele descreve agora, hábitos do povo rural, que mora nas fazendas. Para Barros (2014 p. 28), “Hábitos coletivos são gerados na reprodução de rituais estabelecidos (Tradição)” a autora acrescenta ainda que “A transmissão da tradição de um grupo estabelece-se e organiza-se nas lembranças e aprendizados do passado, partilhados socialmente, produzindo uma rede de significações” (Barros 2014, p. 31). Ao tratar desses hábitos, Anísio acaba demonstrando essa transmissão da Tradição indígena de se reunir à noite para contar histórias para a comunidade. Nesse caso, esse hábito foi assimilado pelo não-indígena a partir do contato com a cultura indígena, como é possível verificar no fragmento abaixo:

É comum nas fazendas, depois do jantar, onde é servida a coalhada, a carne seca, a paçoca, a canjica e toda a variedade de comidas da zona rural, sendo geralmente servido um cafezinho, servido nas varandas ou nos bancos colocados nas frentes das casas.

Apesar de retratar o ambiente na fazenda, com tudo que é peculiar àquele ambiente de zona rural, as lendas e histórias que são contadas são de origem indígena. Cabe ainda ressaltar que segundo Costa e Souza (2005, p.47):

A atividade econômica básica e fundamental entre os Makuxi, assim como o é de maneira geral entre as sociedades indígenas situadas nas savanas, é aquela que resulta da prática tradicional do cultivo de roças familiares.

Feitosa (2014, p. 32), dá conta que “durante a década de 1980, a prática da roça familiar não era exclusiva das etnias indígenas, pois era praticada também por sociedades não indígenas que habitavam o Estado”. Dessa forma, o ambiente rural do estado de Roraima na década de 1980, era constituído, dentre outros grupos, por fazendeiros e agricultores tanto indígenas quanto não-indígenas. Assim, havia um ambiente multicultural, híbrido. Para Silva (2000, p.87), o hibridismo é “(...) a mistura, a conjunção, o intercurso entre diferentes nacionalidades, entre diferentes etnias, entre diferentes raças”, que coloca em xeque as identidades nacionais. Esta mistura de relações conflituosas entre grupos nacionais, raciais e étnicos, produz novas identidades que embora possuam algum traço das identidades antigas se diferem substancialmente.

O narrador vai definir esse costume de narrar oralmente as lendas indígenas como costumes de sua gente, só que, acrescenta a essa contação de histórias, outros assuntos cotidianos atuais, peculiares ao universo não indígena, o que corrobora com a hibridização da sua cultura mencionada acima. Ele afirma:

São os costumes de minha gente conservados até hoje, e a conversa vai da agricultura, as chuvas que atrasaram, ao igarapé que secou, ao amigo que viajou pra cidade, aos mais variados assuntos, mas sempre se fala no Curupira, estranho homem macaco que até hoje vaga por nossas matas, fazendo susto aos que caçam, pescam ou executam trabalhos noturnos.

O narrador demonstra que apesar dos acréscimos na temática das narrativas, que evoluíram para conversas a respeito de assuntos corriqueiros, as crenças indígenas vivem na personagem do Curupira, que ainda hoje figura as histórias narradas nas fazendas. Anísio inicia o último parágrafo falando sobre o crescimento e o progresso que estariam tomando conta da cidade de Boa vista em contraponto à cultura os Macuxi como é possível observar no fragmento a seguir.

A cidade de Boa Vista está crescendo, o progresso tomará conta de Roraima, e as histórias do Curupira, no futuro serão contadas com saudades por nós aos nossos filhos. É por isso que tenho defendido e divulgado a todas as pessoas a nossa cultura. O Macuxi estará sempre aqui no Jornal Boa Vista, a defender e a divulgar a nossa cultura, o sangue que corre em minhas veias é macuxi. E foi aqui em Roraima que dei meus primeiros passos para conhecer o mundo que me rodeava. É a minha terra Macuxi.

O autor coloca como consequência do crescimento e do “progresso” de Roraima o apagamento da prática indígena que consiste em narrar lendas. Essa “tarefa e prerrogativa que cabem, antes de qualquer coisa, aos velhos é o modo de transmitir o “saber comunitário” e funciona tanto com “repositório” como “veículo” das tradições culturais dos povos indígenas” (Matos 2010, p. 450). Ele diz que “no futuro” essas histórias do Curupira serão contadas com saudades por eles aos seus filhos, marcando o apagamento da cultura indígena através dos contos, que serão “contados com saudades” pelos remanescentes dessa cultura.

O narrador prossegue dizendo que esse é o motivo pelo qual ele precisa defender e divulgar a cultura deles, ora, se algo precisa ser defendido, fica implícito que é porque está sendo ameaçado por alguém, e nesse caso, o “progresso” e o crescimento seriam os algozes. Então “progresso” nesse caso é entendido a partir da cultura não-indígena sob o viés capitalista que visa lucro e capital travando um embate com a cultura indígena que, com base na historiografia regional, sabe-se não tinha como costume trabalhar para acumulação de bens, sendo assim considerado um “atraso” para o país, como na perspectiva de Bueno (2009, p. 11),

O nome do mito principal, vetor de todo processo de modernização conservadora, que agrava as diferenças e desigualdades, criando uma das piores sociedades do planeta, atende e atende pelo nome de *progresso*, (...) a chave mágica que nos traria da barbárie para a civilização, que superaria o atraso histórico do país.

Finalizando o texto, o autor revela que o sangue que corre em suas veias é Macuxi o que corrobora com a ideia de seu pertencimento à etnia Macuxi. Porém, o autor não coloca isso como característica principal, já que somente fala sobre isso no último parágrafo, nos lembrando Alfred Kroeber (*apud* Laraia 2006, p. 46) que diz que “a cultura, mais do que a herança genética, determina o comportamento do homem e justifica as suas realizações. O homem age de acordo com seus padrões culturais.”

Algumas Considerações

Sabe-se através da história que “dentro de um país como o Brasil, os povos indígenas, suas línguas, culturas, práticas religiosas estiveram sempre subjugados memorialmente” (Barros 2014, p. 33). Anísio, por ter um espaço específico para recontar uma lenda indígena em um jornal de ampla divulgação no estado de Roraima está na verdade fazendo a divulgação e manutenção da cultura Macuxi e dessa forma, rompendo com um passado de silenciamento e apagamento da memória dos povos indígenas. Assim, o autor passa a ocupar um lugar de representatividade dentro da sociedade roraimense, independente de pertencer a etnia Macuxi, mas por conhecer a cultura desse povo, tornando-se porta-voz de sua memória. Lembrando Eagleton (2003, p.55), “a cultura é o conhecimento implícito do mundo pelo qual as pessoas negociam maneiras apropriadas de agir em contextos específicos”.

No texto de Anísio não há apenas uma "transmissão total do conteúdo" pela tradição, mas um processo ambivalente de cisão e hibridização que descanoniza o original, e marca a identificação com as diferentes culturas. Isto significa que o destino da cultura não é um lugar de subversão e transgressão, mas “(...) uma espécie de solidariedade entre etnias que confluem para [um] ponto de encontro (Bhabha, 1998, p. 317)”.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BUENO, André. **Memórias do futuro**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

COSTA E SOUZA, Jorge Manuel. Etnias indígenas das savanas de Roraima: processo histórico de ocupação e manutenção ambiental. In: BARBOSA, R. I.; COSTA E SOUZA, J. M.; XAUD, H. A. M. (Orgs.). **Savanas de Roraima: etnoecologia, biodiversidade e potencialidades ambientais**. Boa Vista: FEMACT, 2005.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Trad. Viviane Ribeiro. 2.ed. Bauru: EDUSC, 2002.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LARAIA Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006.

MAGALHÃES, Dorval de . **Roraima informações históricas**. Rio de Janeiro, 1987.

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. **Identidade Cultural e Arqueologia**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional nº 20/1984. P. 33. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=\\Acervo01\drive_n\Trbs\RevIPHAN\RevIPHAN.docpro&pesq=identidade%20cultural%20e%20patrimonio%20arqueologico>. Acesso em 11/09/2013

NASCIMENTO, Cleo Amorim. **Subjetividade e identidade na poesia topofilica de Zeca Preto**. Boa Vista- RR, 2014.

OLIVEIRA, R.S; WANKLER, C.M; SOUZA, C.M. **Identidade e poesia musicada: panorama do movimento roraimeira a partir da cidade de Boa Vista como uma das fontes de inspiração**. In. Revista Acta Geográfica. Ano III. N. 06. 2009, p. 27-37.

OLIVEIRA, R.G. **A herança dos descaminhos na formação do Estado de Roraima**. São Paulo, Universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP, 2003.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: vol. 2, nº 3, 1989.

_____. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992;

SANTOS V.F. **Cultura Indígena De Roraima Em Busca De Identidade**. Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras da Universidade Federal de Roraima – UFRR, 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org); Hall, Stuart; Woodward, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOARES Jacy de Souza Cruz. **Jornais impressos de Roraima 1905-1997**. Boa Vista, RR 1998.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia – Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.